

As Viagens de Thelma: deslocamentos espaciais e morais na trajetória de uma mulher gay

Los Viajes de Thelma: desplazamientos espaciales y morales en la trayectoria de una mujer gay

Thelma's Travels: the spatial shifts and moral changes in the life trajectory of a gay woman

Marcio Zamboni

Resumo: este artigo versa sobre a homossexualidade de Thelma, uma mulher que prefere a palavra *gay* ao termo *lésbica* para designar sua orientação sexual. Neste sentido, são evidenciados os deslocamentos espaciais e morais que caracterizam essa trajetória de relacionamentos com mulheres e distanciamento moral da família e da cidade natal, embora sem excluir uma relação pacífica com as heranças da sua formação e com parentes mais próximos.

Palavras-chave: mulher, homossexualidade, trajetória.

Resumen: este artículo versa sobre la homosexualidad de Thelma, una mujer que prefiere la palabra *gay* al término *lesbiana* para designar su opción sexual. En este sentido, se evidencian los desplazamientos espaciales y morales que caracterizan esa trayectoria de relaciones con mujeres y el distanciamiento moral de la familia y de la ciudad natal, aunque sin excluir una relación pacífica con las herencias de su formación y con parientes más cercanos.

Palabras clave: mujer, homosexualidad, trayectoria.

Abstract: the paper examines Thelma's homosexuality. In this regard, it highlights the spatial shifts and the moral changes that characterize Thelma's relationships with women and her detachment of family and hometown. Nevertheless, the referred detachment did not exclude a conciliatory relationship with her background and closest relatives. Thelma prefers the use of the word 'gay' to the word 'lesbian' to designate her sexual orientation.

Keywords: woman, homosexuality, trajectory.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, me proponho a analisar a trajetória de uma das interlocutoras da minha pesquisa de mestrado focando nos deslocamentos espaciais e morais que a caracterizam. Thelma é uma mulher de 53 anos, branca, que se afirma como homossexual (preferindo a palavra *gay* ao termo *lésbica* para designar sua orientação sexual) e descende de uma família tradicional do interior do estado de São Paulo.

Conheci Thelma no contexto da minha pesquisa de mestrado: “Herança, distinção e desejo: homossexualidade em camadas altas na cidade de São Paulo (ZAMBONI, 2014)¹. O projeto se estruturou sobre duas lacunas identificadas em um levantamento no banco de teses da CAPES² acerca da bibliografia que trata da homossexualidade. Por um lado, a categoria “classe”, embora fosse apropriada com alguma frequência para definir ou recortar o campo, era pouquíssimas vezes *tematizada* pelas pesquisas. Por outro lado, se as camadas médias e baixas eram recorrentemente referidas, não encontrei naquele momento nenhum projeto que se propusesse a trabalhar com camadas altas.

¹ Realizada nos anos de 2012 a 2014 na Universidade de São Paulo com o financiamento da FAPESP e sob a orientação da professora Laura Moutinho.

² Pesquisa realizada em Abril de 2008 no banco de teses da CAPES, disponível no site www.capes.gov.br.

³ Sobre o uso do conceito de rede em contextos urbanos ver Mitchell (1969). Sobre sua utilização em pesquisas antropológicas sobre sexualidade ver também Benítez (2010) e Fachini (2008).

Minha entrada em uma rede³ de homens e mulheres homossexuais na faixa dos 40 a 55 anos, que acabaria se consolidando como o principal núcleo da pesquisa e definindo em parte seus rumos, não ocorreu como resultado de um planejamento prévio – foi antes uma oportunidade inesperada que acabou por render muito mais do que eu imaginava. Minha intenção era trabalhar com indivíduos que se afirmassem como homossexuais e fossem provenientes de camadas altas – justamente com o intuito de oferecer um contraponto à bibliografia, apresentando um problema historicamente

importante para os estudos antropológicos sobre sexualidade no Brasil (a relação entre classe e sexualidade) mediante um contexto etnográfico pouco explorado (camadas altas). Não havia, a princípio, um corte geracional.

Durante o processo de elaboração do projeto de pesquisa, conversei com a minha mãe sobre o campo de estudos no qual estava me inserindo – informação que não a deixou muito confortável em um primeiro momento. Algumas semanas depois, no entanto, tivemos um novo diálogo. Ela me contou que havia conversado em uma festa com seu amigo Ricardo⁴ (um “gay assumido” que tinha então 50 anos) e havia dito para ele que eu estava começando uma pesquisa sobre homossexualidade na faculdade. Ele, em resposta, mostrou-se bastante interessado e disse que se eu precisasse fazer entrevistas poderia procurá-lo.

⁴ Nomes fictícios.

Essa possibilidade me deixou, a princípio, bastante dividido. Não havia pensado em trabalhar com essa faixa etária e achava que poderia ser estranho ou constrangedor conversar sobre sexualidade com um amigo da minha mãe. Algum tempo depois me convenci de que se tratava de fato de uma oportunidade interessante: Ricardo era filho de um advogado conhecido e tinha uma muito bem-sucedida carreira como médico - representando bem o perfil que eu pretendia pesquisar.

Depois de uma breve correspondência virtual, marcamos uma data para realizar a entrevista na casa do Ricardo. Ao final desta, pedi para ele indicar, se possível, amigos seus para realizarmos novas entrevistas. Recebi, poucos dias depois, nome, e-mail e telefone de 2 amigos que haviam também se mostrado dispostos a contribuir com a pesquisa. Uma dinâmica semelhante caracterizou o trabalho de campo até que, 6 meses depois, eu havia realizado 9 longas entrevistas (com 6 homens e 3 mulheres) no formato história de vida.

O desenvolvimento do trabalho de campo se deu dessa forma: não como efeito de um planejamento prévio, mas porque foi esse o espaço que me foi aberto pela rede. Percebi que havia nesses indivíduos

⁵ Ao longo do trabalho, a faixa etária dos entrevistados (em contraste com a minha) se mostrou como uma dimensão importante – que caracteriza de forma decisiva a elaboração de narrativas por parte dos entrevistados e a natureza das relações de sociabilidade que o grupo pesquisado estabelece.

uma disposição para falar abertamente sobre suas vidas, e procurei ser sensível a essa demanda⁵. Os entrevistados compartilhavam com seus amigos a experiência e esses, quando, por curiosidade ou interesse se mostravam dispostos, eram-me indicados para conversarmos.

Foi justamente por meio de outro interlocutor, com o qual eu já havia realizado uma entrevista em profundidade, que eu conheci Thelma. Entrei em contato com ela por e-mail e marcamos pouco tempo depois, por telefone, um encontro em sua casa para realizarmos a entrevista.

Apesar de ter me proposto a trabalhar com homens e mulheres na minha pesquisa, tive muito mais facilidade em me relacionar com os primeiros: muito mais homens se dispuseram a me conceder entrevistas e apenas com estes consegui estabelecer um contato que fosse além da entrevista, possibilitando a realização de etnografia em contextos de sociabilidade. Apesar destes predominarem no trabalho de campo, as conversas com mulheres foram fundamentais para o desenvolvimento da reflexão, apresentando um contraponto riquíssimo.

É interessante notar que, na faixa etária com a qual eu trabalhei, o termo *gay* era utilizado como identidade sexual tanto por homens quanto por mulheres. Além disso, a palavra *lésbica*, mais utilizada na esfera política (abrindo a sigla LGBT), não possui pregnância no universo pesquisado. Thelma diz, inclusive, não gostar “da forma como esta palavra soa”. Sem a marcação de gênero, no entanto, a palavra *gay* é e imediatamente associada ao universo masculino - de forma que as mulheres acabam englobadas pelos homens. Um desafio constante tem sido não cair nessa armadilha, acentuando os momentos nos quais as experiências de mulheres e homens gays contrastam ou se aproximam.

Uma das características de Thelma que facilitaram o nosso diálogo é o fato de que ela tem muitos amigos gays e sai frequentemente com eles

(especialmente para jantares e programas culturais). Como mesmo explica, ela nunca esteve muito próxima dos estereótipos associados a mulheres homossexuais – estando, pelo contrário, mais próxima dos homens gays em termos de gosto e estilo de vida:

Eu sempre fui da parte de artes, do cinema. Normalmente o estereótipo de garota gay é que gosta de esporte, tal. Por isso eu me dou mais com os meninos gays, porque eu gosto de cinema, de poesia, de literatura.

Fomos apresentados por um amigo seu de longa data, um artista plástico de 50 e poucos anos, com quem Thelma costuma sair junto a outros 3 ou 4 amigos (todos homens). Esses homens com os quais convive, no entanto, dificilmente são próximos de suas amigas gays - que costumam socializar com outras mulheres.

O primeiro encontro que tivemos para a realização da entrevista foi em uma noite particularmente fria no mês de junho. Thelma mora sozinha em um apartamento nos Jardins (região particularmente valorizada no centro expandido da cidade de São Paulo). Quando abriu a porta para me receber, carregava carinhosamente no colo um *terrier* idoso e logo se justificou: é que ele estava com uma infecção na pata e ela tinha medo que ele fugisse e a ferida se agravasse caso ele a sujasse. Logo depois de fechar a porta e colocar no chão o cachorro (que me faria um pouco de festa), a anfitriã me conduziu à cozinha e ofereceu uma xícara de chá, que aceitei prontamente.

Thelma é uma bela mulher de meia idade - que aparenta pelo menos 10 anos a menos do que seus alegados 53. Possui um rosto largo, bochechas rosadas, um maxilar anguloso, grandes olhos azuis e um sorriso simpático. Está sempre de cara limpa, não usa brincos e utiliza um corte simples nos cabelos negros e lisos. Suas roupas também são discretas: calças compridas, camisas relativamente largas e poucos acessórios. A despeito de sua aparência despojada, que poderia ser associada a um estereótipo de lésbica masculinizada, a delicadeza da sua fala e a forma doce como se relaciona com as pessoas são bem próximos de um ideal mais tradicional de feminilidade.

O apartamento era amplo e particularmente bem decorado: piso de madeira, móveis de fórmica em um belo tom de turquesa (claramente feitos sob medida para o espaço que ocupavam), um grande e aconchegante sofá, uma mesa *saarinen* redonda e muitas obras de arte (esculturas, desenhos, gravuras e diversas peças de cerâmica com pintura em baixo-esmalte). Reconheceria, entre estas, trabalhos de dois dos artistas que eu havia entrevistado para esta mesma pesquisa (inclusive do que nos tinha apresentado). Depois saberia que a reforma e a decoração do apartamento haviam sido feitas por um de seus amigos gays de longa data - um arquiteto badalado que, inclusive, nasceu na mesma cidade que ela. Ambos sempre conversam sobre a cidade de origem quando um deles volta de lá e Thelma afirma que “sempre damos risada juntos da caretece do povo de lá”.

1. Origens

Nascida em Ribeirão Preto, cidade de médio porte no interior do estado de São Paulo, Thelma diz ter vivido uma infância tranquila em um ambiente fortemente caracterizado por uma certa condição de classe e por uma estrutura familiar bastante convencional:

Meu pai era advogado, minha mãe foi trabalhar bem mais tarde. A gente quando era criança sempre teve mãe em casa. Era aquela vida bem tradicional de família brasileira. Tinha empregada, tinha avós muito presentes. Em Ribeirão você já nascia, seu pai já tinha meia dúzia de amigos com os filhos mais ou menos da mesma idade, então você convivia muito dentro de um mesmo nível socioeconômico e cultural. Tanto assim que eu só fui conhecer a primeira pessoa que tinha pai e mãe separado quando eu já estava na faculdade. O que é quase um absurdo hoje em dia, se a gente for pensar nisso.

Na composição da “tradicional família brasileira”, Thelma inclui uma empregada doméstica e fala da dedicação exclusiva da mãe à criação dos filhos. A posição de classe da família, sinalizada pelo emprego do pai (advogado), permite a contratação de (pelo menos uma) empregada

e dispensa o trabalho remunerado da mãe. Em seu lar, característico de um determinado “nível socioeconômico e cultural”, havia dois lugares disponíveis para mulheres: empregada e esposa. Vejamos um pouco mais sobre o lugar da empregada:

A nossa empregada que era cozinheira, ela entrou com 18 anos em casa assim que eu nasci. Ela era bem novinha e tal e ela passou de empregada a segunda mãe da gente. E ela sentava com a gente na mesa do Natal. Ela dava bronca, estas coisas. Quando a gente era adolescente a minha mãe começou a trabalhar e quem ficava em casa era ela. Ela resolvia tudo, o que ela mandava você tinha que obedecer, é uma pessoa bem bacana, bem especial.

Ainda dentro do modelo de “família tradicional brasileira”, Thelma descreve sua relação com uma das empregadas (que ela caracteriza pelo possessivo “nossa”) como uma espécie de “segunda mãe”. O afeto (“próxima”, “especial”), o reconhecimento (“sentava com a gente na mesa do Natal”) e a autoridade exercida sobre as crianças (“o que ela mandava você tinha que obedecer”) apagam, em sua narrativa, as marcas da profunda hierarquia que caracteriza esta posição. A entrevistada não descreve a relação da empregada com os pais, que poderia trazer à tona seu lugar efetivamente subalterno (mesmo que não necessariamente submisso).

Tanto a esposa (sua mãe) quanto a empregada (sua “segunda mãe”) fazem parte deste modelo de família, permanecem nesta unidade doméstica por décadas a fio e ocupam lugares socialmente compreendidos como femininos. A hierarquia interna que diferencia ambas se organiza segundo dois eixos: ocupação e parentesco. Cada uma é reconhecida por atividades distintas no lar e “fazem parte da família” de maneiras distintas.

A primeira é uma diferença de classe: uma (a esposa) se integra à classe social do marido, se ocupando de atividades semelhantes à de suas irmãs, mãe e tias e a outra (empregada) pertence a uma classe

subalterna, encarregada das necessidades do lar que a esposa não se digna a realizar.

A segunda é, em parte, uma diferença de raça. A mulher escolhida para ser esposa, ao contrário da empregada, deve compartilhar com o marido uma descendência e se integrar definitivamente a seu grupo familiar. A seleção de uma boa esposa demanda grande cautela a respeito de sua ascendência, exige um conhecimento preciso do grupo que a gerou, ao qual se estará irremediavelmente entrelaçado pelo destino dos filhos (a presença dos avós em casa, sem distinção das alas paternas e maternas, é um indício dessa convergência). A hierarquização dos tipos de ascendência na dinâmica dos casamentos possui uma *lógica racializante* não apenas ao valorizar brancos em detrimento de negros - mas também ao operar distinções entre os próprios brancos, preferindo certas narrativas de origem em detrimento de outras. A empregada, ao contrário da esposa, não compartilha as narrativas familiares mais decisivas com o marido e seu pertencimento ao grupo familiar é apenas provisório, podendo ser desfeito se assim for conveniente.

Vejamos como Thelma constrói a história de sua família na entrevista:

Na minha família todo mundo é brasileiro, avô brasileiro de todos os lados, bisavô brasileiro, tataravô brasileiro. Você vai achar um portuguesinho em 1800 e alguma coisa. [...] Todo mundo é de Ribeirão. Meu avô materno era fazendeiro. Tinha fazenda de café. Em [19]32 quebrou a família, e eles entregaram algumas fazendas pro banco. Mas graças a Deus conseguiram ficar com duas fazendas, aí fizeram loteamento e eles viviam disso aí. [...] Meu pai e minha mãe são meio aparentados: minha avó paterna é parente da minha avó materna. A família da minha mãe é bem *quatrocentona*. A família do meu também teve fazenda e também perdeu tudo e tal, mas aí porque meu bisavô jogava. A minha bisavó paterna foi diretora de escola, uma coisa assim meio diferente porque mulher quase não trabalhava naquela época. Já o meu avô paterno era de Ribeirão, só que eles vieram pra São Paulo. O pai dele era professor e poeta, chamava Reinaldo Andrade,

ele casou com uma carioca. Essa minha bisavó era do Rio, também era professora, escrevia textos, tem livros. Meu tio mandou pela internet, eu nunca consegui ver um livro dela realmente. Os dois eram ligados a educação, se você procurar tem o nome dos dois. Esse meu bisavô morreu muito cedo, minha bisavó teve que cuidar de um monte de filhos e meu avô foi trabalhar muito cedo. Ele foi jornalista, fez Direito, formou todos os irmãos dele e casou tarde.

Podemos observar neste trecho o grande controle que Thelma mantém sobre sua história familiar. Ela é capaz de reconstruir com bastante precisão sua ascendência até (pelo menos) a geração dos bisavós - pontuando a narrativa com signos de status. Ao contrário do que veremos na próxima entrevista, o tom da narrativa de Thelma não soa arrogante ou pretensioso: a relativa distinção de sua origem se deixa entrever com certa naturalidade, sendo entrelaçada com delicadeza na trama das trajetórias de seus antepassados. Em termos de raça, esse controle do passado significa também um controle das possibilidades de miscigenação presentes em sua ascendência:

Você tem parentes negros, índios?

A gente acha que deve ter algum índio. A minha avó diz que Caiuby é descendente de índio, meu irmão tem os olhos puxadinhos, meu cabelo é bem liso, não sei. A gente não sabe. Sabe que tinha português. Eu tenho primo ruivo, tenho primo loiro que nem escandinavo e a irmã do meu pai casou com [um homem que tinha como sobrenome] Potyguara, que é Nordestino e eles têm sangue de índio mesmo. Estes nomes brasileiros tem a ver com um movimento das pessoas mudarem o nome, não necessariamente eles eram descendentes de índio, mas esse meu tio devia ter índio bem perto na família.

Neste momento, fica claro que a empregada não é parente no sentido estrito do termo. Ela não é um parente negro, embora se fale dela como “parte da família” ou mesmo como uma “segunda mãe”. O que vemos como movimento geral nestas narrativas é uma espécie de *permeabilidade controlada*: a história familiar abre certas brechas mínimas para a diferença que diluem um tom elitista que poderia soar arrogante ou pretensioso –

⁶ A miscigenação com indígenas é de certa maneira naturalizada no universo das famílias tradicionais (*quatrocentonas*) do Estado de São Paulo - uma vez que está contemplada na heroica narrativa dos bandeirantes desbravadores. Em geral, costuma-se atribuir a ascendência indígena a uma ascendente mulher (embora não necessariamente do ramo materno) a uma distância de pelo menos duas gerações. A narrativa mais comum é a de uma bisavó ou tataravó capturada “no laço” de sua tribo por algum português. Dificilmente essas histórias familiares se referem mais especificamente a etnias indígenas ou mesmo às regiões onde essa mistura ocorre. Mais incomum ainda são os relatos de ascendentes indígenas do sexo masculino. De uma forma ou de outra, fica nítida a tendência de *desafricanização* das narrativas - para utilizar o termo proposto por José Leon Szwako (2006) em sua análise da historiografia paranaense. Trata-se de pensar em termos de mistura de etnias (ao invés de raças), apagando o lugar da escravidão na história de determinadas regiões.

de realização. Em relação às mulheres, o casamento ocupava um lugar central, como marco simbólico de constituição de uma nova família. Sua resolução, apresentada em sua narrativa como muito precoce, de

mas as mantém cuidadosamente nas margens do eixo central da narrativa, preservando sua distinção. É visível, neste sentido, uma abertura maior para indígenas do que para negros⁶.

Thelma foi criada para ser uma esposa nos moldes de sua mãe. As expectativas que orientaram sua educação eram bastante convencionais e fortemente marcadas por papéis de

2. Gênero

Meu pai era uma coisa engraçada, ele era professor de faculdade, era advogado, mas era uma pessoa extremamente família. A suprema felicidade para ele era estar em casa com os filhos. Ele era um super pai amoroso e tal. Mas ele achava que esse era o ideal para todo mundo. E o que ele pretendia era me visitar todo dia para ver os netos, né? Isso era engraçado: a gente ia em casamento quando eu era pequena, eu devia ter uns 6,7 anos. Eu ficava no colo do meu pai e toda vez que vinha a noiva meu pai falava assim para mim: “Ah, um dia eu vou estar entrando com você na igreja”. E acho que era o grande sonho dele, coitado. E desde pequena eu pensava “eu não vou casar”. Engraçado, né? Não é que eu não queria casar, eu sabia que eu nunca ia casar na igreja.

Neste trecho, fica clara a importância que a família tinha para a constituição da identidade dos sujeitos naquele contexto. Mesmo o pai, que gozava de reconhecimento na vida pública como advogado e professor, mantinha na família um fundamental espaço

“não casar na igreja”, emerge como um ponto de apoio fundamental para o distanciamento desse conjunto convencional (para não dizer conservador) de expectativas.

Chegando à adolescência, as expectativas em torno de gênero começaram cada vez mais a ser expectativas em torno da sexualidade - e uma moral sexual bastante estrita passou a orientar a forma como a mãe regulava seu comportamento:

Virgindade para cima de mim tinha sim, bastante. Minha mãe era bem, bem careta. Aquela coisa do mais importante ser o amor. Meu pai, acho que ele tinha medo, talvez porque eu fosse a única filha, né? Meu pai era ciumento, mas a minha mãe que deu mais trabalho. Ela era muito repressora sexualmente. Eu tive bastante problema com ela. Na família dela, qualquer pessoa que saía da linha eles falavam assim “vou te mandar para o colégio interno”, era o bordão. E a minha mãe, por mais que ela não achasse isso bom quando ela era jovem, fazia a mesma coisa. As pessoas repetem o mesmo padrão, né? A minha mãe, a família da minha mãe, era muito autoritária. E com a minha mãe, tudo que era fácil de a gente se relacionar quando eu era criança na adolescência foi muito difícil. Tanto que quando falaram para o meu irmão que eu era gay ele falou “tá vendo, vocês encheram tanto o saco dela, não deixaram ela fazer nada, isso que dá!” (risos).

Este controle exercido sobre sua sexualidade não era, na experiência da entrevistada, um controle sobre sua orientação sexual - ao contrário do que ocorre frequentemente com os homens. Sobre estes, a preocupação era que se tornassem “bichas”. Sendo assim, o sexo (com mulheres) era fundamental para que venham a ser de fato homens. Já entre as mulheres, o problema era que praticassem qualquer espécie de sexo antes do casamento, sendo o perigo representado justamente pelo contato íntimo com homens (o sexo lésbico, quando descolado do espectro da masculinização, é relativamente menos visível e ocupa um lugar secundário entre as paranóias burguesas).

Contrastando sua experiência com a de um amigo gay, Thelma sugere que foi muito mais marcante em sua experiência a questão de

gênero, de diferentes formas de se tratar homens e mulheres, do que a questão da orientação sexual:

Eu estava conversando com um amigo meu gay e é engraçado. Ele estava falando assim, que para ele foi super difícil a adolescência que ele fugia das aulas pelas quais poderiam achar que ele era gay. Ele gostava de pintura tal e não foi fazer. E eu fiquei pensando: “nossa, eu não fiz nada disso não”. Eu acho que o que mais me preocupava na adolescência não era o fato de ser gay ou de não ser gay, mas era o fato de ser muito diferente o tratamento de homem para mulher mesmo, sabe? Acho que isso que mais pegou. Eu achava injusto.

A entrevistada coloca então as questões de gênero como eixo principal de seus conflitos com o ambiente familiar. A sexualidade, ou mais especificamente o controle exercido sobre ela, se constitui como um problema feminino relativamente independente da orientação sexual - a tal ponto que esta fica em segundo plano em um primeiro momento. Veremos que a homossexualidade teve, no entanto, um papel fundamental na forma como Thelma negocia com esses conflitos.

3. Destinos

Em suas narrativas, Thelma encontra na própria experiência familiar os fundamentos do distanciamento que ela construiu ao longo da vida em relação aos valores mais tradicionais da elite de Ribeirão Preto. Quando conversamos sobre quais figuras foram mais decisivas para sua formação, destacou duas em particular:

Para mim quem foi bem importante foi meu avô paterno e minha avó materna. [...] Minha avó materna gostava de artes, de música clássica, então eu curtia esse lado com ela. [...] Tanto ela quanto meu avô sempre me incentivaram a ser livre, a buscar minha vida. E meu avô principalmente. Ele fazia umas perguntas, com a gente pequeno mesmo [...] Por exemplo, eu estava com uma camisa com nome de banda, alguma coisa em inglês e ele “Por que você está com essa camisa escrita em inglês? Você sabe o que está escrito? Por que você não põe em português? Você não mora no Brasil?” [...] O meu irmão achava que ele ficava enchendo o saco, mas eu

gostava de argumentar com ele. Era uma coisa de advogado, vamos dizer. Ele fazia de advogado do diabo e queria que eu me expressasse, tivesse uma posição. [...] Isso do meu avô eu peguei, eu sempre duvido de tudo. E nesse ponto acho que foi legal. Assim: “Como é que você sabe que você é heterossexual? Você já teve uma experiência com uma pessoa do mesmo sexo para ter certeza?”. Eu ficava pensando nessas coisas e também em “Qual é o problema?”. Apesar de eu ter estudado em escola católica a vida inteira eu nunca tive essas crise que gay tem, sabe? [...] E eu passei chapado por isso daí, porque de todos os lados que você via, não tinha nada de errado. “Qual era o problema?” Eu não via nenhum. Mas eu sabia que as pessoas iam ver, e acho que esse era o único problema que eu tinha.

Apesar das muitas discordâncias que teria na relação com sua família, nesse momento ela insiste em destacar os gostos que herdou da avó (associada à sua formação, sua erudição) e o estilo de argumentação que desenvolveu na relação com o avô. Mais uma vez vemos como certos signos de distinção se integram à narrativa com naturalidade, como elementos constitutivos de sua trama. Mas o que me parece particularmente interessante neste trecho é a capacidade de mobilizar positivamente certos elementos da herança familiar sem se prender a ela.

A posição de “duvidar de tudo” é, por um lado, herança da família mas, por outro, é o que permitiu um deslocamento em relação a certos preconceitos ou expectativas nela investidas pela família. Trata-se, em última instância, de uma *retórica mais flexível* que, se não se curva diante de convenções sentidas como contraditórias, por outro lado não condena outras convenções pelo simples fato de serem convencionais.

Uma das primeiras e mais importantes experiências de deslocamento em relação a esse conjunto bastante fechado de relações, valores e expectativas seria o namoro com um músico holandês, ainda na adolescência. Apesar do afeto e da admiração que sentia por ele, Thelma não conseguia consumir nenhuma relação sexual pois sempre “travava” quando aparecia uma oportunidade:

Meu namorado na época falou assim: “você devia fazer amor com uma amiga tua, para você se liberar”. E era normal, ele falou: “eu já transei com um cara para ver se eu era gay. E vi que não curtia transar com menino,

que eu gosto de mulher”. E ele tinha uma cabeça super aberta. Ele era um menino assim, que saiu de casa cedo, morou com a namorada quando tinha 15 anos, viajou o mundo inteiro. (...) E os caras de Ribeirão eram todos muito chatos, né? Eram todos iguais ao meu pai. Aquela coisa muito careta, né? E não era isso que eu queria.

Mas a experiência de deslocamento mais decisiva data do trânsito internacional. Logo depois de se formar na faculdade de publicidade, Thelma começou a trabalhar como guia em uma companhia de turismo. Foi durante a estadia em Miami (Estados Unidos) a trabalho que viveria sua primeira experiência homossexual. Seus amigos a chamaram para ir a uma boate gay e ela aceitou por estar curiosa e para “dar uma de liberal” (contrariando o estereótipo de uma garota bem-criada do interior). Lá, encontrou uma americana que havia conhecido alguns dias antes e que havia chamado muito sua atenção. Em suas palavras:

A primeira vez que eu vi essa mulher eu fiquei completamente apaixonada, parecia que eu tinha levado um tapa. [...] No fim [daquela noite] ela virou para mim, contou que era gay e que gostava de mim. E eu fiquei... eu não sabia para onde eu ia. Aí a gente acabou ficando junto. [...] Eu estava apaixonada e com ela eu não tive nenhuma dúvida. [...] Assim, sabe quando uma coisa, qualquer coisa na sua vida, que você descobre e faz todo sentido? Foi assim. O mais estranho é que eu não conhecia até então nenhuma garota gay. Então não tinha com quem conversar. Então a gente pode conversar assim e foi uma coisa maravilhosa, né? Você finalmente poder dizer, ser você mesma.

Vemos neste trecho o lugar central que a sexualidade ocupa na identidade de certos sujeitos: a possibilidade de expressar um desejo indizível se confunde com a própria possibilidade de “ser você mesma”. A partir de então, a vontade de ter um emprego, sair de casa, se desvencilhar do controle exercido pelos pais e mudar de cidade estariam diretamente associados à vontade de viver mais livremente a homossexualidade. Nas palavras de Thelma:

Isso era uma das coisas de quem era gay na minha época. Uma das coisas que eu mais queria era sair de casa, porque eu queria ter uma vida própria.

(...) Na minha geração todo mundo queria ter a sua própria casa porque a gente não tinha a mesma liberdade que vocês tem hoje (...). A casa era uma coisa onde os pais mandavam e tinha que ser tudo do jeito deles. Até aí tudo bem, mas você não tinha liberdade nenhuma dentro de casa. Você tinha que seguir os conceitos do seu pai e da sua mãe, que eram bem mais rígidos. Na sua geração é uma moleza. (...) Então a coisa que eu mais queria era ter a minha casa, e para isso eu precisava trabalhar. E eu queria viajar, queria morar fora. E isso era diretamente ligado à homossexualidade, pode ter certeza. Era mais fácil você exercitar a sua sexualidade longe da sua cidade natal.

Um contínuo deslocamento espacial, que começaria na forma de viagens, continuaria nos primeiros empregos com turismo e depois na carreira empreendida na aviação (começando como comissária de bordo), seria portanto central na maneira pela qual Thelma construiria uma certa distância das cobranças e expectativas nela depositadas pela família. O deslocamento *espacial* é, portanto, a base material para um deslocamento *moral* de seu lugar social de origem. Esses deslocamentos ganham também uma dimensão temporal através do contraste que Thelma estabelece com o que ela supõe ser a experiência da minha geração (“uma moleza”).

Em uma trajetória de deslocamentos, a “viagem” (BLEIS, 1989) é entendida como central para a sua formação enquanto ser humano de forma ampla:

Assim, a coisa mais legal que tem na vida é viajar. Primeiro que você aprende tanta coisa, né? Te dá uma lição de humanidade que se você ficar em um lugar só realmente não tem como você aprender. E por isso eu fui trabalhar com turismo. O que eu queria era viajar, eu sempre gostei. Então naquele momento eu escolhi trabalhar com aquilo que ia me permitir viajar.

Em uma de suas viagens, Thelma conheceria a namorada (brasileira) com a qual moraria por 7 anos entre o Rio de Janeiro (capital) e uma cidade pequena no interior deste estado. A mudança de cidade da própria residência (tendo sempre em paralelo esse contínuo ir e vir proporcionado pelo trabalho) daria então uma nova dimensão a esse distanciamento.

A realização profissional associada à estabilidade na vida amorosa a deixariam em uma situação mais confortável para negociar (à distância) sua herança familiar (especialmente em termos de sua formação, de seus vínculos de afeto e das expectativas sobre ela depositadas) e definir com alguma liberdade seu projeto de vida.

Thelma narra com tranquilidade suas discordâncias e rupturas com a família e a cidade de origem, centrando seu discurso na reconciliação. Devido a uma carta anônima enviada por uma ciumenta ex-namorada de sua companheira, seu pai ficaria sabendo de sua orientação sexual. A forma como administrou a crise mostra mais uma vez sua habilidade de negociar com a herança familiar:

Aí ele descobriu e me chamou para conversar. Ele tava mais passado, meu pai não ficava bravo. Ele primeiro ele achou o que todos os pais acham: “será que foi alguma coisa, que eu e sua mãe, em nosso relacionamento, fizemos para você ficar desencantada do casamento”. Aqueles dramas, né? Ai eu: “Não pai, pelo contrário, vocês sempre me ensinaram que o mais importante é o amor, e o amor não tem sexo”. Ai ele ficou passado, porque a vida inteira ele falava isso, né? Sabe aquelas coisas de não querer que a filha transasse? “Não, a coisa mais importante é o amor, porque o amor...”, não sei que lá, “é o amor, amor, amor”. A eu dei o mesmo troco para ele, né? (...) Eu falei: “Não pai, você está partindo do pressuposto de que ser homossexual é uma coisa errada, é uma doença e tal. E não tem nada de errado, você simplesmente gosta de uma pessoa que por acaso tem o mesmo sexo que você.” O que, na verdade, era mais ou menos o mesmo discurso que a vida inteira ele fez. Ai ele teve que vestir o chapéu.

Sua relação com a família e a cidade natal são hoje bastante confortáveis. Ela visita os familiares regularmente, tendo inclusive apresentado sua namorada – que é chamada de “norinha” pela mãe. A relação com a própria disciplina praticada pelos pais e pelas instituições de ensino pode ser ressignificada de maneira livre de ressentimentos:

A gente sempre aprendeu a sentar direito, a pedir licença para levantar, tal. Era aquela educação bem formal. Mas assim, de uma forma que eu nunca achei ruim. [...] Quando a gente era criança a gente pedia a bênção, hoje em dia ninguém faz mais isso, né? Eu acho engraçado as pessoas

implicarem. Não era uma coisa de hierarquia, por que é seu avô, era uma coisa carinhosa você pedir a bênção. O avô vinha, você beijava a mão, passava a mão assim... Tinha carinho, não era um gesto vazio. [...] Mesmo na escola, era uma educação que hoje as pessoas iam achar que é coisa de filme. E a gente achava bom, não achava ruim não. Era divertido, assim, esses rituais. Acho que sempre achei que um pouco de ordem era bom. É claro que eu acho que as relações tem que ser naturais, você não vai respeitar alguém só por causa disso, mas se você já respeita é bom [...] A minha vida inteira eu tive essa coisa assim de ter hierarquia. E eu fui trabalhar em uma companhia japonesa, que tem hierarquia. Eu até me dei bem. Tem umas coisas assim que a gente estranha, todo aquele ritual. Mas isso daí, para mim, foi tranquilo.

O próprio significado dos gestos pode ser pensado de forma ampla, com relativa autonomia das hierarquias que eles parecem refletir imediatamente. Ao mesmo tempo, o aprendizado de certas condutas formalizadas pode ser pensada em sua utilidade, livre de um possível ressentimento associado ao desconforto das situações em que são transmitidas. Thelma parece valorizar o aprendizado das convenções (que podem ser úteis, por exemplo, no trabalho) sem naturalizá-las, sem acreditar que as formas convencionais são sempre as maneiras certas de agir. O que não significa que em algumas situações certas formas convencionais não possam parecer as mais adequadas.

A naturalização das convenções estabelecidas pela classe dominante, que passam a ser tomadas como normas pela sociedade como um todo (a ideia de que a etiqueta consiste na forma “correta” de se relacionar) é, para Bourdieu (2008), uma das expressões mais nítidas da dominação. A capacidade de se apropriar instrumentalmente desses padrões sem aderir incondicionalmente a seus significados é, portanto, uma espécie de retórica mais flexível dos códigos de classe.

Essa retórica mais flexível em relação a marcadores da diferença não se restringe a códigos de classe. Vemos que Thelma estranha (ou “duvida”) profundamente situações onde se vê diante de retóricas de diferença inflexíveis. Nesse sentido, os estereótipos relativos à orientação sexual também são colocados em questão:

Engraçado isso, porque eu acho muito bonito o corpo masculino. Eu já tive até amiga gay americana. Os americanos são meio radicais nas coisas, né? Na Califórnia os meninos são muito bonitos e as meninas não são muito bonitas, além de ter uma voz de taquara rachada horrível, né? E normalmente os garotos são muito bonitos. E a gente estava passeando, eu estava namorando essa garota e passou um menino tão bonito, mas tão bonito que eu parei assim e disse: “Nossa, mas que garoto bonito!”. Ela olhou para mim assim e disse “Ah, eu sempre achei que você não era muito gay.” (risos) Eu falei “gente, o que tem uma coisa a ver com a outra!” Olha que é pela estética da coisa, né? Talvez porque eu seja muito ligada em arte, né? Nossa, ver a estátua de guerreiro grego, o corpo é maravilhoso! O Davi de Michelangelo, meu queixo realmente caiu, o cara é uma coisa de bonito.

O ideal parece ser, portanto, a convivência com a diferença mais do que a sua afirmação em torno de identidades inflexíveis. Esse discurso se mostrou muito recorrente entre os entrevistados da rede estudada e não pode ser dissociado da experiência de classe dos interlocutores, marcada por uma grande facilidade de circular em diversos contextos – inclusive internacionalmente.

A viagem, ou a experiência do deslocamento espacial e moral, aparecem como uma ferramenta importante no alargamento dessas sensibilidades. O trânsito por contextos muito diversos se assemelha e complementa o trânsito de pessoas de contextos diversos pelos espaços do cotidiano. Uma experiência de trabalho especialmente marcante nos Estados Unidos seria importante, nesse sentido, tanto para a valorização dos ambientes onde a diversidade pode ser vivida quanto para os limites dessa diversidade diante de retóricas da diferença pouco flexíveis:

Nos Estados Unidos era muito bom de trabalhar. [...] Eu trabalhei para um jornal, que foi um dos trabalhos mais legais que eu tive na vida. Era um jornal alternativo. [...] Sabe aquela coisa bem misturada? Eu nunca tinha visto tanta gente diferente. Você vindo de Ribeirão, onde era todo mundo absolutamente igual, né? [...] Mas o engraçado é que eles não sabiam que eu era brasileira. Eu nunca cheguei e disse “Oi, bom dia, sou brasileira”. Eu falava de vez em quando no telefone com um amigo brasileiro e eles achavam que eu era francesa. Só depois de 4 meses trabalhando com eles,

que eu ia embora, que eu falei “vou para o Brasil”. E eles “Mas fazer o que no Brasil? Você não vai para a França?” [...] Por que a gente fala português, e eles não estão acostumados. Eles acham que na América Latina todo mundo fala espanhol, né? E eu lembro que um dos caras ficou chocado: “Então você é latina?” [risos]. Porque os latinos todos trabalhavam na outra sala. Era o pessoal peão, os mexicanos. Que trabalhavam nas máquinas, né? [...] Aí eu percebi o preconceito que eles tinham contra o pessoal que era mexicano. Que eram os latinos. E eu falei “Não, eu sou latina” e ele ficou assim, chocado: “Eu nunca imaginei que você pudesse ser latina”. [...] O pessoal que ia do México para lá era o pessoal mais simples, da lavoura e tal. E que, nossa, fazia muita coisa. E esse pessoal, na Califórnia ali, é quem faz todo o trabalho [...]. É mais ou menos o pessoal do nordeste aqui, e que as pessoas adoram detestar. Mas tira essas pessoas daqui e vamos ver o que acontece... É um preconceito mesmo.

Neste momento, parece que uma articulação particular entre marcadores de raça e de classe foi o que permitiu que Thelma fosse tratada como igual nos Estados Unidos – mesmo em um jornal alternativo caracterizado por “aquela coisa bem misturada”. Foi fundamental o fato de que ela foi entendida como europeia (francesa) e não latina (mexicana ou brasileira) para a forma como foi recebida pelos colegas. Embora Thelma não problematize senão a língua (seu domínio do inglês e a confusão, comum nos Estados Unidos, entre português e francês), seu fenótipo (branca de olhos azuis) e suas maneiras (um *ethos* de classe incorporado) devem ter sido fundamentais para essa classificação. Em um contexto bastante distinto, o entrecruzamento entre raça e classe distinguia novamente Thelma dos trabalhadores manuais com os quais convivia.

No projeto de realização de Thelma, em paralelo com esse trânsito contínuo, o “amor” ocupa um lugar central. O gênero parece então importante na definição do sentido que essa realização amorosa toma:

Mulher normalmente mora junto. Talvez porque a renda das mulheres seja mais baixa do que a dos homens. Normalmente homem ganha mais que mulher. Mas é também porque mulher adora brincar de casinha, né? A mulher tem uma coisa de, talvez por causa dessa coisa de maternidade, pesa essa coisa de querer morar junto, de querer cuidar do outro. (...) Essa

coisa de mudar [para a mesma casa] rápido também, tem a ver com aquela coisa de ser dependente. Sabe aquela coisa de ter certa idade e ter que casar? Acho que fica meio no inconsciente das mulheres. “Eu amo, então eu caso”. Acho que isso é muito forte no inconsciente das mulheres. Você não questiona muito.

Thelma viveu diversas relações intensas e duradouras com mulheres, a maior parte delas envolvendo o compartilhamento de uma moradia. A realização na vida sexual e afetiva, central em seu projeto de realização pessoal, é orientada por uma ideia de amor duradouro:

Acho que você não pode entrar em um relacionamento pensando isso. Acho que você entra pensando no amor. Em um relacionamento, você não pode ficar pensando se vai durar 3 anos, 10 anos. Acho que se você entra é para durar a vida inteira, né? Tudo bem. Eu tive relacionamentos que deram certo mas não foram para sempre. Acho que é mais fácil quando dura para sempre. Acho que algumas pessoas realmente conhecem alguém quando são jovens, se apaixonam e conseguem realmente se amar com todos os altos e baixos. Não é uma conveniência de estar junto, é realmente querer estar junto. É uma minoria privilegiada que tem essa sorte, né? (risos) Você vê esses casais, às vezes casais heterossexuais. A vida inteira, está velinho e você vê que um gosta do outro de verdade. Acho que isso é uma sorte grande, é loteria.

Essa valorização da durabilidade não significa no entanto, como vimos antes no curso da argumentação, uma adesão aos padrões heterossexuais. Nas palavras de Thelma: “Acho que não só não precisa repetir esse padrão como as pessoas deveriam na verdade aproveitar e pensar em um outro tipo de relacionamento”. Trata-se de um deslocamento moral em relação ao padrão estrito que lhe era imposto durante a infância – mas que não despreza alguns de seus valores fundamentais.

4. Trajetos

Vimos como na trajetória de Thelma um contínuo deslocamento espacial viabilizado pelo trabalho associado a uma vivência intensa de

relacionamentos duradouros com mulheres permitiu um distanciamento moral da família e da cidade natal, o que não exclui a manutenção de uma relação pacífica com as heranças da sua formação e com seus parentes mais próximos. Permitiu, em outras palavras, a elaboração e o empreendimento de projetos alternativos de realização.

Observar esse relativo êxito não significa dizer que sua trajetória não foi marcada por constrangimentos relativos à afirmação da homossexualidade. No entanto, podemos dizer que esses constrangimentos não são eixo de sua narrativa e que, pelo contrário, a homossexualidade é antes associada a certa liberdade, a uma relação criativa com as referências entre as quais se formou.

REFERÊNCIAS

BENITEZ, M. E. Diaz. *Nas Redes do Sexo: Os bastidores do pornô brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BLEIS, R. Atrativos e Fatalidades do Exílio Homossexual: as redes textuais do paraíso imaginário 1900-1980. Texto apresentado no seminário organizado pelo Groupe d'Etudes e Recherches sur l'homossexualité-homosocialité do CEAQ, Sorbonne/ Paris V. Paris, 1989. Tradução de M. Carlota C. Gomes.

BOURDIEU, Pierre. "A ilusão biográfica". In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaina (Org.). *Os usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

_____. *A Distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp, 2008.

CARRARA, Sérgio; SIMOES, Júlio Assis. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 28, 2007.

CRAPANZANO, Vincent. "Estilos de Interpretação e a retórica de categorias". In: MAGGIE, Y.; REZENDO, C. (Orgs.). *Raça como Retórica*:

a construção Social da Diferença. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FACHINNI, Regina. *Entre umas e outras*: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo. Campinas: IFCH/Unicamp, 2008. Tese de Doutorado.

FRY, Peter. *Para inglês ver*: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GUIMARÃES, Carmem Dora. *O homossexual visto por Entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond/CLAM, 2004.

GREEN, James et al. *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Unesp, 2005.

HEILBORN, Maria Luiza. *Dois é par*: gênero e identidade sexual em contexto igualitário. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2004

LACOMBE, Andrea. *Ler [se] nas entrelinhas*: Sociabilidades e subjetividades entendidas, lésbicas e afins. Tese de Doutorado. UFRJ, 2010.

MEINERZ, Nádia E. *Entre Mulheres*: etnografia sobre relações homoeróticas femininas em segmentos médios urbanos na cidade de Porto Alegre. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2011.

McCLINTOCK, Anne. *Couro Imperial*: Raça, Gênero e Sexualidade no Embate Colonial. Campinas: Editora Unicamp, 2010.

MITCHELL, Clyde. Social Networks. In: *Urban Situations*: Analysis of Personal Relationships in Central African Towns. Manchester: Manchester University Press, 1969

MOUTINHO, Laura. “Negociando com a adversidade: reflexões sobre “raça”, (homos) sexualidade e desigualdade social no Rio de Janeiro”. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2006, vol. 14, no. 1 [citado 2008-07-02], pp. 103-116.

_____. *Raça, "cor" e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais "inter-raciais" no Brasil e África do Sul*. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.

MOUTINHO, Laura; LOPES, Pedro; ZAMBONI, Marcio; RIBAS, Mario; SALO, Elaine. Retóricas ambivalentes: ressentimentos e negociações em contextos de sociabilidade juvenil na Cidade do Cabo (África do Sul). *Cad. Pagu* (UNICAMP. Impresso), p. 139-176, 2010.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1981.

ZAMBONI, Marcio. *Herança, distinção e desejo: homossexualidades em camadas altas na cidade de São Paulo*. Dissertação de Mestrado: USP, 2014.